

VANESSA MARTA PEIXOTO

**A INFLUÊNCIA DOS MITOS DE VIOLÊNCIA
SEXUAL NA PERPETRAÇÃO DE
COMPORTAMENTOS SEXUALMENTE
AGRESSIVOS**

Orientador: Prof. Doutor Nélio Brazão

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

Lisboa

2022

VANESSA MARTA PEIXOTO

**A INFLUÊNCIA DOS MITOS DE VIOLÊNCIA
SEXUAL NA PERPETRAÇÃO DE
COMPORTAMENTOS SEXUALMENTE
AGRESSIVOS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado de Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 17 de janeiro de 2022 perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº357/2021, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Carolina da Motta

Arguente: Prof.^a Doutora Diana Ribeiro da Silva

Orientador: Prof. Doutor Nélio Brazão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

Esta dissertação foi realizada no âmbito do Projeto
“FEMOFFENCE – O mito da inocência: Uma abordagem
mista para a compreensão da violência sexual perpetrada
por mulheres” (PTDC/PSI-GER/28097/2017)

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:



Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Nélio Brazão, por todo o tempo despendido e todo o apoio prestado. As suas orientações levaram-me sempre pelo caminho certo, e sem dúvida que não teria chegado onde cheguei sem elas.

Agradeço também à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e ao seu corpo docente, por todo o conhecimento transmitido.

Aos meus pais, António e Aida, por além de me ensinarem a voar, me darem forças para o fazer. A vida nem sempre é fácil, mas vocês mostram-me que existem sempre razões novas pelas quais lutar.

Ao Simão, por me mostrar o que coragem, resiliência e perseverança realmente significam. Para onde quer que a vida nos leve, serás sempre parte de mim.

Ao Rui, por ser a luz que me guia nos mais variados caminhos da vida. Obrigada por toda a paciência e por todo o amor transmitido.

Catarina, obrigada por todas as chamadas, todas as risadas e todas as confidências. Estarmos afastadas juntou-nos, e sou grata à vida por te ter posto no meu caminho.

Por fim, a todos os familiares e amigos que estiveram presentes durante esta etapa da minha vida e que partilharam palavras de encorajamento.

Muito obrigada a todos.

Resumo

Objetivo: Este estudo teve como objetivos conhecer a prevalência de comportamentos de VS e violação em estudantes universitários, analisar se existiam diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores de VS no endosso de mitos sobre a VS, em função do género, e avaliar se o endosso de mitos de VS era preditor dos comportamentos sexualmente agressivos. **Método:** 746 estudantes universitários de ambos os géneros, com orientação heterossexual, participaram neste estudo e responderam ao Questionário de Experiências Sexuais - Versão Reduzida de Perpetração e à Escala de Crenças sobre a Violência Sexual. **Resultados:** Os resultados mostraram que os homens recorrem mais frequentemente à VS do que as mulheres; que os homens endossam mais mitos do que as mulheres; que os perpetradores de VS endossam mais mitos do que os não perpetradores; que os homens perpetradores de violação endossam mais mitos do que as mulheres perpetradoras; e que os mitos sobre a VS são preditores dos comportamentos sexualmente agressivos. **Conclusões:** Os resultados mostram que a VS é prevalente em contexto universitário, e que os mitos são preditores da VS. Assim, estes mitos devem ser alvo de intervenção no âmbito dos programas de prevenção da VS em contexto universitário.

Palavras-chave: Estudantes universitários, Mitos sobre a violência sexual, Violação, Violência sexual

Abstract

Goals: This study aimed to know the prevalence of SV and rape in college students, to analyze whether there are significant differences between SV perpetrators and non-perpetrators in the endorsement of sexual violence myths, considering gender, and to assess whether the endorsement of sexual violence myths is a predictor of sexually aggressive behaviors. **Method:** 746 college students of both genders, with heterosexual orientation, participated in this study and answered the Sexual Experiences Survey - Reduced Version of Perpetration and the Sexual Violence Myths Scale. **Results:** The results showed that men resort to more SV behaviors than women; that men endorse more myths than women; that SV perpetrators endorse more myths than non-perpetrators; that male rape perpetrators endorse more myths than female perpetrators; and that SV myths are predictors of sexually aggressive behaviors. **Conclusions:** The results show that SV is prevalent in the university context, and that myths are predictors of SV. Thus, these myths should be the target of intervention within the scope of SV prevention programs in the university context.

Keywords: College students, Myths about sexual violence, Rape, Sexual violence

Introdução

A violência sexual (VS) é um problema mundial, podendo ocorrer em qualquer contexto (e.g., no contexto de relações íntimas, na escola, no trabalho e na via pública) a indivíduos de todos os gêneros, etnias e orientações sexuais. Inicialmente, considerava-se que este tipo de violência era facilitado pelos valores existentes nas sociedades patriarcais, mas estudos recentes mostram que a VS é prevalente mesmo em países com altos índices de igualdade de gênero. Assim, parecem ser as crenças ou mitos sobre a VS (formados a partir de normas socioculturais; e.g., culpabilização da vítima e minimização da gravidade da VS) que podem facilitar a sua ocorrência (Spowart, 2020).

Ainda que seja assumido que a maioria dos comportamentos sexualmente agressivos são perpetrados por indivíduos do gênero masculino, a VS também pode ser perpetrada por mulheres, originando vítimas de ambos os gêneros. O primeiro estudo realizado com homens vítimas de VS perpetrada por mulheres foi apenas realizado em 1982, pois até então as mulheres não eram vistas como capazes de agredir sexualmente outra pessoa, e os homens só eram considerados vítimas quando os agressores eram também do gênero masculino (Busby & Compton, 1997; Sarrel & Masters, 1982; Struckman-Johnson et al., 2003; Turchick & Edwards, 2012).

Apesar do interesse crescente pelo estudo da VS, a maioria das investigações e desenvolvimentos tem-se focado na VS perpetrada pelo homem e na mulher como vítima, fazendo com que a vitimação masculina continue a ser uma área subdesenvolvida (Carvalho & Nobre, 2015; Spowart, 2020).

A VS é definida como qualquer tentativa ou ato sexual sem o consentimento do outro e pode incluir: toques, beijos, comentários ou avanços sexuais, ser agarrado, acariciado ou apalpado, penetração vaginal, anal ou oral com partes do corpo ou objetos, escravidão sexual, ser fotografado, espiado ou filmado, ser mutilada genitalmente, ser exposto à nudez de outrem; e ser forçada a engravidar, abortar ou casar, assistir ou participar em filmes ou espetáculos de cariz pornográfico, ver outros em atos ou poses sexuais, acariciar, penetrar e/ou masturbar outra pessoa e receber e/ou praticar sexo oral (American Psychological Association [APA], 2020; National Center for Injury Prevention and Control Centers for Disease Control and Prevention [NCIPCCDCP], 2018; Spowart, 2020; World Health Organization [WHO], 2012). Para concretizar esses comportamentos, o/a agressor/a pode recorrer a dois tipos de estratégias sexualmente agressivas: as estratégias *hands-off*, que incluem a coação verbal, a chantagem, uso de intoxicação, exibir os órgãos genitais, e observar ou tentar observar alguém a despir-se

ou nu; e estratégias *hands-on*, que incluem o uso de força física e agarrar ou tocar nas áreas íntimas de outra pessoa, independentemente do contexto e/ou tipo de relação entre a vítima e o/a agressor/a (Carvalho & Sá, 2017; Carvalho et al., 2018; Lussier & Healey, 2010).

A VS tem consequências tanto para as vítimas (e.g., depressão, ansiedade e maior probabilidade de desenvolver problemas físicos e psicológicos), como para a sociedade em geral (e.g., medo, ansiedade, e mudança de rotinas diárias de forma a evitar a vitimação sexual). Além das consequências negativas que a vitimação acarreta, a VS é um dos crimes em que a vítima é considerada culpada, envergonhada e em alguns casos rejeitada por ter sido agredida (APA, 2020; Paoletti et al., 2020; Paras et al., 2009; Spowart, 2020; Zurbriggen, 2000).

O conceito de violação, incluído na VS, é definido como a tentativa ou completa penetração vaginal ou anal, "com qualquer parte do corpo ou objeto, ou penetração oral com órgão sexual de outra pessoa", conseguida através da força física ou ameaça de dano físico. É importante destacar que estes comportamentos são cometidos sem o consentimento da vítima, o que inclui casos em que a vítima não é capaz de dar o consentimento devido à sua idade ou incapacidade física ou mental, seja essa incapacidade temporária (e.g., estar intoxicado/a ou inconsciente) ou permanente (Federal Bureau of Investigation [FBI], 2017, p. 1; Hines & Douglas, 2016; NCIPCCDCP, 2018).

Em Portugal, estamos perante o crime de violação, quando alguém constrange “outra pessoa a sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem” penetração vaginal, anal ou oral, com partes do corpo ou objetos, sem o seu consentimento, “por meio de violência, ameaça grave ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilitado de resistir” (Código Penal, 2019, p. 100).

Um estudo da Organização Mundial da Saúde em vários países, verificou que entre 0.3% a 12% das mulheres foram forçadas a ter relações sexuais, por alguém que não era o seu companheiro. A título de exemplo, na África do Sul, 20% dos homens admitiram ter violado uma mulher com a qual não tinham uma relação íntima (Spowart, 2020). No Japão e na Sérvia, cerca de 6% das mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos, reportaram ter sido vítimas de VS em relações íntimas, sendo que esta percentagem aumenta para 29% e 30% na Tailândia e na Tanzânia, e para 50% e 59% no Bangladesh e na Etiópia, respetivamente (García-Moreno et al., 2006).

Além disto, para algumas mulheres, a nível mundial, a sua primeira relação sexual é forçada. Essa prevalência pode ir desde 1% no Japão até 30% no Bangladesh. No entanto, importa referir que estes dados podem não corresponder à realidade, uma vez que a definição e

as terminologias de comportamentos de VS variam de país para país, e que há comportamentos violentos que podem ser considerados aceitáveis (Spowart, 2020).

Por outro lado, entre 1993 e 1997, dez mil mulheres norte-americanas foram detidas, anualmente, por crimes sexuais, sendo que 2.2% dos indivíduos condenados por violação eram do género feminino (FBI, 1999; Sarrel & Masters, 1982). Dados mais recentes mostram que 7.5% dos perpetradores de VS são do género feminino, e que 1.6% dos indivíduos detidos pelo crime de violação são mulheres (FBI, 2013).

Relativamente a Portugal, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) revela que entre 2013 e 2018 houve um aumento de crimes sexuais - de 573 para 1280 -, do número de vítimas do género masculino - de 27 (5.4%) para 101 (8.7%) -, e do número de crimes perpetrados por mulheres - de 14 (2.8%) para 47 (4%). Houve também um aumento de casos de vitimação sexual nos últimos dois anos, sendo que em 2018 foram identificados 1167 - onde 91.3% das vítimas eram do género feminino e 8.7% eram do género masculino - e em 2019 foram identificados 1578¹ casos. Acresce que cerca de 94% dos crimes foram perpetrados por homens, e 10.5% (134 casos) foram violações (APAV, 2019; APAV, 2020).

Embora a VS possa ocorrer nos mais variados contextos, existem grupos que têm maior probabilidade de sofrer e perpetrar este tipo de violência, nomeadamente os estudantes universitários, sendo que as estatísticas mostram que “uma em cinco estudantes universitárias e um em vinte estudantes universitários são vítimas de violência sexual” (Brennan et al., 2018; Carvalho & Nobre, 2015; Carvalho et al., 2018; NCIPCCDCP, 2018; Santovec, 2019, pg. 7; Spowart, 2020).

A VS é um problema recorrente nas universidades, sendo que os serviços de apoio a vítimas deste tipo de crime são usados por 60% das estudantes universitárias. Estudos mostram que 26% das estudantes experienciou uma ou mais formas de VS, sendo que apenas 2.8% conhecia o agressor; e que 18.4% a 52.6% dos homens reportou comportamentos de VS, sendo que 41.4% destes recorreu ao abuso sexual, 6.1% a 7.4% cometeu violação, 4.7% perpetrrou toques e beijos não desejados, 4.0% a 6.9% utilizou a coação verbal, 2.1% recorreu à coação verbal na forma tentada e 1.5% cometeu violação na forma tentada (Brennan et al., 2018; Carvalho & Sá, 2017; Paoletti et al., 2020).

Por outro lado, 51.2% dos estudantes do género masculino reportou ter sido vítima de VS - 5.6% por parte de agressores do género masculino, 48.4% por parte de agressores do

¹ Os dados de 2019 encontram-se em atualização, existindo no momento pouca informação.

género feminino e 3% por ambos -, dos quais 21.7% foi vítima de contato sexual não desejado, 17.1% de violação e 12.4% de coação sexual (Turchik, 2012).

Em Portugal, estudos com estudantes universitários mostram que 52.6% dos estudantes do género masculino reportou tentativas de contato sexual com recurso a estratégias agressivas. Destes, 87.7% recorreu a coação sexual, 41.4% ao abuso sexual, e 7.4% à força física, ou seja, violação. Apesar destes dados, os estudos mostram que as mulheres também podem recorrer a estas estratégias numa tentativa de iniciar o contacto sexual com os homens. Especificamente, 32.7% a 35.8% das estudantes universitárias reportou já ter recorrido ou tentado comportamentos sexualmente agressivos (na forma tentada ou consumada). Destas, 46.2% a 72.3% usou estratégias coercivas, 34.1% a 46.5% recorreu ao abuso sexual, e 13.1% a 19.8% à força física, ou seja, cometeu violação (APAV, 2013; Carvalho & Nobre, 2015; Carvalho & Sá, 2017; Carvalho et al., 2018; Pereira, 2016).

Adicionalmente, as consequências da VS afetam as pessoas que vivem nos campus/residências universitárias duas vezes mais do que as pessoas que não vivem, mesmo que não tenham sido vítimas deste tipo de violência – por exemplo, sentem-se mais inseguras e mais preocupadas com a sua segurança (Paoletti et al., 2020).

Não obstante a prevalência supradita, é estimado que 77% dos casos de violação não seja reportado e que a percentagem aumente quando se trata de outros comportamentos sexualmente agressivos, não se reportando cerca de 80 a 95% dos casos de VS (Spowart, 2020). Dito isto, é importante sublinhar que as taxas de prevalência de VS e de violação podem ser mais elevadas do que as apresentadas, podendo existir por isso muitas vítimas e agressores desconhecidos na população (Brennan et al., 2018; Koss & Gidycz, 1985).

Por ser um crime considerado socialmente indesejável/inconveniente e de carácter sensível, pode existir uma tendência para negar este tipo de comportamentos, sendo por isso um crime subreportado. Devido à dificuldade de reconhecer os homens como vítimas de VS, em virtude do estereótipo existente em relação ao género masculino e às crenças e mitos sociais de que os homens não podem ser violados ou agredidos sexualmente por uma mulher, a vitimação masculina pode ser ignorada e ainda menos reportada. Por outro lado, além de crimes sexuais perpetrados por mulheres terem mais probabilidade de não serem reportados, os estereótipos de género também podem levar a que as mulheres que pratiquem comportamentos sexualmente agressivos contra homens não se identifiquem com o papel de agressora, e minimizem essas informações em certos estudos (D'Abreu et al., 2012; Koss & Gidycz, 1985). Adicionalmente, as vítimas podem ter maior dificuldade em se perceberem como vítimas de

VS (ou maior dificuldade em reportar a sua vitimação) quando o agressor é seu conhecido, ao invés de quando ele é desconhecido.

Como mencionado anteriormente, os mitos sobre a VS podem estar na origem da insegurança das vítimas para reportar o crime, levando a uma maior invisibilidade das vítimas e subreportação deste tipo de crime (Kassing et al., 2005; Turchik & Edwards, 2012; Spowart, 2020). Atualmente, estes mitos estão bastante difundidos e são considerados ideias fidedignas sobre a VS. No entanto, estes mitos são crenças falsas, prejudiciais e estereotipadas sobre os agressores, as vítimas e o fenómeno da VS. Assim, estes mitos consistem em falsas explicações sobre como os crimes de VS devem ocorrer e quem os deve perpetrar e sofrer, podendo, deste modo, criar um ambiente desfavorável e consequências nefastas não só para as vítimas, mas também para os agressores e para a sociedade em geral (Burt, 1980; Lonsway & Fitzgerald, 1994, all as cited in Walfield, 2018).

Alguns exemplos de mitos sobre a VS contra mulheres são: “as mulheres fantasiam acerca da violação e desejam ser violadas”; “a violação é impossível se a mulher lutar”; “a mulher provoca a violação através de comportamentos ousados, pelo que só as mulheres «más» são violadas”; “o violador está perturbado mentalmente”; “a violação é praticada por um maníaco”; “as mulheres acusam os homens de violação para controlá-los ou ofendê-los”; e “a maior parte das denúncias de violação são falsas” (Rocha & Vieira, 1990).

Alguns exemplos de mitos sobre a VS contra homens são: “uma mulher não pode agredir sexualmente um homem”; “um homem «verdadeiro» defende-se contra uma violação”; “indivíduos homossexuais e bissexuais merecem ser agredidos sexualmente porque são imorais e desviantes”; “se um homem responde fisicamente a uma agressão (através de uma ereção e/ou ejaculação) então desfrutou da experiência”; “apenas os homossexuais podem ser vítimas ou perpetradores de VS contra homens”; “os homens não são afetados pela violação (ou não tanto como as mulheres)”; “os homens apenas são violados nas prisões”; e “a agressão sexual por alguém do mesmo sexo causa homossexualidade” (Anderson, 2007; Turckik & Edwards, 2012; Walfield, 2018).

Vários estudos têm mostrado que os homens tendem a endossar mais mitos do que as mulheres (Davies et al., 2012; Rosenstein, 2015; Walfield, 2018). Além do género, também as pessoas mais velhas, com um menor grau de instrução e/ou que se definem como heterossexuais demonstram ter um maior nível de aceitação de mitos sobre a VS (Davies & McCarteny, 2003; Kassing et al., 2005; Rosenstein, 2015; Walfield, 2018).

Os papéis tradicionais idealizados das sociedades patriarcais poderão também estar na origem destes mitos, uma vez que os estereótipos relativos à masculinidade e/ou as atitudes negativas face aos homossexuais facilitam que as pessoas aceitem este tipo de papéis e, consequentemente, endossem mais mitos de VS contra homens. Provavelmente, também por esta razão, a maioria da investigação sobre mitos tem-se focado na perpetração de VS contra mulheres e descurado a perpetração por mulheres contra homens (Davies et al., 2012; Edwards et al., 2011; Kassing et al., 2005; Nalavany & Abell, 2004; Walfield, 2018).

O endosso de mitos sobre VS não é apenas prevalente em amostras forenses (i.e., agressores sexuais condenados), mas também na população geral, nomeadamente em estudantes universitários, e até em profissionais de saúde e da justiça (Anderson & Quinn, 2009; Couxão, 2020; Donnelly & Kenyon, 1996; Kassing & Prieto, 2003; Turckik & Edwards, 2012; Walfield, 2018). A aceitação de mitos sobre VS, não apenas por parte dos profissionais, mas também da sociedade em geral, pode desencorajar as vítimas a reportarem as agressões ou a procurar ajuda, podendo ser esta uma das razões para a sua subreportação (Larsen & Hilden, 2016; Melanson, 1998; Walfield, 2018).

No que diz respeito à prevalência destes mitos, um estudo recente numa amostra comunitária de ambos os géneros, mostrou que entre 9.8% e 44.1% dos participantes endossava mitos sobre a VS. Especificamente, 33% dos participantes acreditava que apenas os homens homossexuais violavam outros homens, que a relutância que um homem demonstrava ter era crucial para perceber se de facto tinha sido violado, e mostrar-se-ia relutante em acreditar num homem se este afirmasse ter sido violado por uma mulher. Além disto, cerca de 25% dos participantes tinha a falsa ideia de que os homens não podem ser violados, porque usufruem de sexo quando são forçados por uma mulher (Walfield, 2018).

Apesar do interesse da comunidade científica pelo tema da VS ser cada vez maior, a investigação nesta área continua a ser insuficiente, especialmente em amostras comunitárias, sendo que até ao momento ainda não se testou o efeito preditor dos mitos na perpetração da VS por indivíduos, não só do género masculino, mas também do género feminino. Assim, esta Dissertação procurou colmatar esta lacuna, ao investigar se o endosso de mitos de VS é preditor de comportamentos sexualmente agressivos. Este estudo poderá contribuir para um maior conhecimento sobre variáveis predictoras de VS. Por sua vez, esse conhecimento possibilita uma melhor orientação e desenvolvimento não só de estudos futuros, mas também de programas de prevenção e intervenção na VS em estudantes universitários.

Tendo em consideração o supramencionado, foram definidos os seguintes objetivos: conhecer a prevalência de comportamentos de VS e de violação em estudantes universitários em função do género; analisar se existem diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores de VS no endosso de mitos sobre a VS, em função do género; e avaliar se o endosso de mitos de VS é preditor de comportamentos sexualmente agressivos. Foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação: (1) os estudantes universitários do género masculino recorrem mais a comportamentos de VS (incluindo a violação), comparativamente com as estudantes; (2) existem diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores de VS no endosso de mitos, em função do género; (3) os mitos sobre a VS são preditores significativos de comportamentos sexualmente agressivos.

Método

Participantes

Para cumprir os objetivos do estudo, foram recrutados estudantes universitários entre os 18 e 39 anos, tanto do género masculino como do género feminino, com orientação heterossexual - para fins de representatividade da amostra - e que tivessem experiência sexual.

Responderam ao questionário 954 estudantes, tendo posteriormente sido excluídos 208 estudantes: 47 devido a não terem respondido ao Questionário de Experiências Sexuais – Versão Reduzida de Perpetração (SES-SFP), 48 não tinham experiência sexual, 53 devido à idade e 60 por terem uma orientação sexual diferente de heterossexual. A amostra final foi composta por 746 estudantes, 226 (30.3%) do género masculino e 520 (69.7%) do género feminino, com a média das idades igual a 22.8 anos (DP = 4.48).

No que diz respeito às habilitações, foram encontradas diferenças significativas, com um efeito médio, existindo mais homens a frequentar uma licenciatura do que mulheres, e mais mulheres a frequentar um mestrado ou doutoramento do que homens. Relativamente ao número de parceiros sexuais, foram também encontradas diferenças significativas, com um efeito médio. Por um lado, a percentagem de mulheres com um parceiro sexual foi superior; por outro lado, as percentagens de homens sem parceira sexual, com duas e com múltiplas parceiras foram superiores. No que concerne às restantes variáveis sociodemográficas, não foram encontradas diferenças significativas. Os dados sociodemográficos completos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica da amostra

	Género masculino		Género feminino				
	M	DP	M	DP	T	P	d de Cohen
Idade	23.05	4.18	22.70	4.61	1.000	.318	.080
Idade primeira relação	16.80	2.34	16.92	2.05	-.708	.479	-.056
	N	%	N	%	χ^2	P	V de Cramer
Estado civil							
Solteiro	209	92.5	460	88.5	3.651	.455	.070
Casado	7	3.1	20	3.8			
União de facto	7	3.1	33	6.3			
Separado	1	0.4	2	0.4			
Divorciado	2	0.9	5	1			
Habilitações							
Licenciatura	202	89.4	399	76.7	21.842	<.001	.171
Mestrado	18	8.0	107	20.6			
Doutoramento	2	0.9	11	2.1			
Outro	4	1.8	3	0.6			
Nº de parceiros sexuais							
Nenhum	71	31.4	131	25.2	34.114	<.001	.214
Um parceiro	127	56.2	374	71.9			
Dois	8	3.5	2	0.4			
Múltiplos	20	8.8	13	2.5			

Instrumentos

Neste estudo, foi utilizado o Questionário de Experiências Sexuais – Versão Reduzida de Perpetração (Koss et al., 2007; versão portuguesa: Carvalho, 2011) e a Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS; Martins et al., 2012).

O SES-SFP é um questionário de autorrelato composto por 35 itens que avaliam a frequência com que o respondente perpetrou comportamentos sexualmente agressivos para com

outra pessoa, o tipo de comportamento perpetrado e as estratégias utilizadas em dois períodos distintos: no último ano e desde os 14 anos de idade.

Cada item é respondido com base numa escala de quatro pontos (0 = ‘nenhuma vez’ a 3+ = ‘três ou mais vezes’). Tendo em conta a frequência dos diferentes tipos de perpetração identificados, os indivíduos podem ser classificados de seis formas (sendo que cada indivíduo, poderá pertencer a mais do que uma categoria, tendo em conta os comportamentos perpetrados): 1) não perpetradores/as, 2) perpetradores/as de contato sexual indesejado, 3) perpetradores/as de tentativa de coação sexual, 4) perpetradores/as de coação sexual, 5) perpetradores/as de tentativa de violação, e/ou 6) perpetradores/as de violação (Koss et al., 2008; Martins, 2013).

O questionário termina com duas questões, em que na primeira é questionado o género da pessoa com quem o indivíduo teve os comportamentos agressivos (caso tenha respondido afirmativamente a algum item), e na segunda é perguntado se o indivíduo alguma vez violou alguém, sendo esta uma pergunta com resposta dicotómica de sim ou não.

A versão original do questionário apresentou excelentes níveis de consistência interna em amostras comunitárias, sendo o Alpha de Cronbach igual a .92 na amostra do género feminino e .98 e .99 na amostra do género masculino (para desde os 14 anos de idade e para o último ano, respetivamente). A versão portuguesa, apresentou, de igual modo, bons níveis de consistência interna, sendo o Alpha de Cronbach igual a .86 e o coeficiente teste-reteste igual a .70 (Carvalho, 2011; Johnson et al., 2017). No presente estudo, o nível de consistência interna foi .98.

A ECVS é uma escala de autorrelato composta por 30 itens, que avalia o grau de aceitação/tolerância que o indivíduo tem relativamente ao uso de comportamentos sexualmente agressivos (e.g. “Forçar o(a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação”) (Martins et al., 2012).

Cada item é respondido com base numa escala de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente), e a pontuação total da escala é obtida através do somatório direto das respostas de cada um dos itens, sendo que quanto mais elevada for a pontuação, maior o grau de aceitação da violência sexual, (Martins et al., 2012).

A versão original do questionário apresentou excelentes níveis de consistência interna em amostras comunitárias, sendo o Alpha de Cronbach igual a .91 (Martins et al., 2012). No presente estudo, os níveis de consistência interna foram excelentes, sendo o Alpha de Cronbach igual a .92.

Procedimentos de investigação

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Os dados foram recolhidos através de uma metodologia mista, i.e., os dados foram recolhidos *online* e presencialmente. Para a recolha de dados *online* foi criado, na plataforma *Qualtrics*, um *link* de acesso ao formulário de Consentimento Informado e ao Protocolo de Avaliação, que foi posteriormente divulgado em diversas redes sociais pessoais e institucionais com o título “*Como é que os estudantes universitários interagem com o sexo oposto, do ponto de vista sexual?*”. A recolha de dados presencial foi realizada coletivamente, em contexto de sala-de-aula, em várias instituições de Ensino Superior. De forma salvaguardar possíveis enviesamentos derivados da desejabilidade social dos participantes, e como é habitual para investigações desta natureza, omitiu-se o conteúdo e objetivo reais do estudo. Não obstante, foi explicado aos participantes, através do formulário do consentimento informado, a natureza intimista do mesmo. Foi também assegurado nesse formulário o carácter voluntário da participação, a confidencialidade dos dados que foram recolhidos e que o seu uso seria exclusivamente para fins de investigação. Foram ainda disponibilizados os contactos dos investigadores e do centro de investigação, para que os participantes pudessem tomar uma decisão informada.

Análise de dados

Os dados recolhidos foram analisados com o software *IBM SPSS Statistics v.27*. Para comparar os estudantes universitários do género masculino e feminino nas características sociodemográficas foram realizados testes *t* de *student* para amostras independentes (variáveis contínuas) ou testes do qui-quadrado (variáveis dicotómicas), dependendo da natureza dos dados. Os testes do qui-quadrado foram também utilizados para a comparação entre géneros no recurso aos diferentes comportamentos de violência sexual.

Para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre perpetradores e não perpetradores de VS, em função do género, no endosso de mitos sobre a VS foi realizada uma ANOVA fatorial (dois fatores). O grupo (perpetradores vs. não perpetradores) e o género (masculino vs. feminino) foram introduzidos como fatores fixos, e os mitos sobre a VS como variável dependente. As comparações múltiplas de médias foram calculadas com ajustamento de Bonferroni. A magnitude do efeito foi calculada através do *partial eta square* (η^2p), com $\eta^2p = .01$ considerado um efeito pequeno, $\eta^2p = .06$ um efeito médio e $\eta^2p = .14$ um efeito elevado

(Tabachnick & Fidell, 2013). Finalmente, para testar o efeito preditor dos mitos sobre a VS nos diferentes comportamentos sexualmente agressivos, foi realizada uma regressão linear simples com o método *enter*.

Resultados

Prevalência dos comportamentos sexualmente agressivos em função do género

Relativamente à perpetração dos vários tipos de comportamentos sexualmente agressivos, foram encontradas diferenças significativas para todas as variáveis em estudo, sendo que os homens tendem a perpetrar mais comportamentos de VS, comparativamente às mulheres. No entanto, as magnitudes dos efeitos para todas as comparações foram pequenas.

Quadro 2. Prevalência da perpetração dos comportamentos sexualmente agressivos em função do género

	Masculino		Feminino		χ^2	P	V de Cramer
	N	%	N	%			
Contacto sexual indesejado	29	12.8	21	4.0	19.480	<.001	.162
Tentativa de coação sexual	17	7.5	10	1.9	14.157	<.001	.138
Coação sexual	16	7.1	19	3.7	4.135	.042	.074
Tentativa de violação	10	4.4	7	1.3	6.705	.010	.095
Violação	13	5.8	12	2.3	5.771	.016	.088

Diferenças entre perpetradores e não perpetradores de VS, em função do género, no endosso de mitos sobre a VS

A ANOVA fatorial (cf. Quadro 3) revelou um efeito interação Grupo*Género significativo para a violação. Nos homens, os perpetradores de violação endossam mais mitos sobre a VS do que os não perpetradores. Contudo, essa diferença não se verificou nas mulheres. A magnitude deste efeito foi pequena. Para as restantes variáveis, não foi encontrado um efeito interação Grupo*Género.

Em relação ao efeito principal do género, foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres no endosso dos mitos sobre a VS para todos os comportamentos sexualmente agressivos, no sentido de os homens endossarem mais mitos do que as mulheres.

Finalmente, o efeito principal do grupo foi significativo para todas as variáveis em estudo, com os perpetradores de VS a apresentarem valores médios na ECVS superiores aos dos não perpetradores. No entanto, as magnitudes dos efeitos foram pequenas.

Quadro 3. Pontuações médias da ECVS com respetivos desvios padrão para o género e grupo e valores das Anovas Fatoriais

	<i>Perpetrador</i>		<i>Não perpetrador</i>		Efeito Género	Efeito Grupo	Efeito Género X Grupo
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino			
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Contacto sexual indesejado	59.862 (4.409)	50.381 (5.181)	49.090 (1.727)	40.054 (1.064)	$F = 26.220; p = .000; \eta^2 p = .035$	$F = 34.043; p = .000; \eta^2 p = .044$	$F = .015; p = .902; \eta^2 p = .000$
Tentativa de coação sexual	58.529 (5.844)	48.700 (7.619)	49.846 (1.700)	40.310 (1.068)	$F = 15.019; p = .000; \eta^2 p = .020$	$F = 11.675; p = .001; \eta^2 p = .016$	$F = .003; p = .953; \eta^2 p = .000$
Coação sexual	61.438 (5.996)	46.842 (5.503)	49.658 (1.688)	40.230 (1.073)	$F = 31.668; p = .000; \eta^2 p = .041$	$F = 18.559; p = .000; \eta^2 p = .025$	$F = 1.465; p = .227; \eta^2 p = .002$
Tentativa de violação	64.400 (7.593)	49.857 (9.075)	49.856 (1.665)	40.344 (1.061)	$F = 15.498; p = .000; \eta^2 p = .021$	$F = 15.501; p = .000; \eta^2 p = .021$	$F = 0.678; p = .411; \eta^2 p = .001$
Violação	64.308 (6.658)	42.083 (6.930)	49.649 (1.677)	40.434 (1.066)	$F = 39.550; p = .000; \eta^2 p = .051$	$F = 10.642; p = .001; \eta^2 p = .014$	$F = 6.772; p = .009; \eta^2 p = .009$

Efeito preditor dos mitos sobre VS nos comportamentos sexualmente agressivos

Os resultados das regressões mostraram que o endosso de mitos sobre a VS foi um preditor significativo do contacto sexual indesejado ($F(1, 75) = 17.374, p < .001$), sendo que os mitos explicaram 17.7% da variância observada nesta variável; no que diz respeito à tentativa de coação sexual, os mitos também tiveram um efeito significativo ($F(1, 75) = 10.266, p = .002$), explicando 10.9% da variância observada; na coação sexual, o efeito dos mitos também foi significativo ($F(1, 75) = 7.894, p = .006$), explicando 8.3% da variância; na tentativa de violação, o endosso de mitos foi também um preditor significativo ($F(1, 75) = 6.780, p = .011$) e explicou 7.1% da variância; finalmente, no que concerne à violação, o endosso dos mitos foi um preditor significativo ($F(1, 75) = 6.139, p = .015$), explicando 6.3% da variância.

Quadro 4. Coeficientes das regressões lineares e respetivos valores de predição

	B	SE	Beta	T	P
Contacto sexual indesejado	.104	.025	.434	4.168	.000
Tentativa de coação sexual	.063	.020	.347	3.204	.002
Coação sexual	.067	.024	.309	2.810	.006
Tentativa de violação	.090	.034	.288	2.604	.011
Violação	.089	.036	.275	2.478	.015

Discussão

A VS é um problema mundial, que pode ocorrer em qualquer contexto e a qualquer indivíduo, existindo grupos com maior probabilidade de sofrer e perpetrar este tipo de violência, nomeadamente os estudantes universitários (Brennan et al., 2018; Carvalho & Nobre, 2015; Carvalho et al., 2018; NCIPCCDCP, 2018; Spowart, 2020). Este tipo de violência tende a ser subreportado devido, entre outros fatores, ao endosso de mitos sobre a VS (Kassing et al., 2005; Turchik & Edwards, 2012; Spowart, 2020). Em virtude das nocivas consequências que este tipo de crime acarreta, tanto para as vítimas como para a sociedade em geral, a VS tem vindo a ser o foco da investigação científica. Contudo, a investigação apresenta algumas lacunas, verificando-se a necessidade de estudos nesta área e em amostras comunitárias. Este estudo procurou colmatar estas lacunas, tendo como objetivos: a) conhecer a prevalência de comportamentos de VS e de violação em estudantes universitários em função do género, b) analisar se existiam diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores de VS no

endosso de mitos sobre a VS, em função do género, e c) avaliar se o endosso de mitos de VS era preditor de comportamentos sexualmente agressivos.

No que diz respeito à prevalência dos vários tipos de comportamentos sexualmente agressivos, os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro de estudos anteriores (Carvalho et al., 2018; NCIPCCDCP, 2018; Santovec, 2019; Spowart, 2020), uma vez que reforçam que a VS é prevalente em estudantes universitários, salientando o facto de serem um grupo de risco para a perpetração deste tipo de comportamentos. O contacto sexual indesejado foi o comportamento sexualmente agressivo mais prevalente, e a violação (na forma tentada e consumada), o menos prevalente. Estes dados sublinham que os comportamentos sexualmente agressivos considerados menos gravosos (e.g., contacto sexual indesejado) são mais prevalentes em amostras comunitárias, comparativamente a comportamentos mais graves (e.g., violação), o que está alinhado com dados anteriores da investigação (e.g. Carvalho et al., 2018; D'Abreu et al., 2012; Moyano et al., 2017). Tal poderá estar relacionado com a perceção social dos participantes sobre a sexualidade e a VS. Especificamente, este comportamento (contacto sexual indesejado) poderá ser apreciado positivamente ou, pelo menos, julgado como normativo e não agressivo (Carvalho & Sá, 2017).

Como era esperado, os homens tendem a perpetrar mais comportamentos de VS, quando comparados com as mulheres, contudo as magnitudes destas diferenças foram pequenas. Este resultado está em concordância com dados da investigação anterior e infirma a crença social de que as mulheres não podem agredir sexualmente (e.g., D'Abreu et al., 2012; Martins 2013). Embora seja claro que as mulheres agredam com menos frequência comparativamente aos homens, este resultado sugere que as diferenças de género na perpetração de comportamentos de VS podem não ser assim tão expressivas.

Tendo em consideração as prevalências dos vários tipos de comportamentos de VS, verificou-se que os participantes deste estudo recorreram sobretudo a estratégias *hands-off*. Contudo, as prevalências encontradas são inferiores às observadas em estudos anteriores (e.g. Carvalho & Sá, 2017; Paoletti et al., 2020; Pereira, 2016), o que pode ser justificado pelo facto de nesses estudos terem sido utilizados instrumentos que avaliavam formas menos gravosas de VS, verificando-se que, de facto, as estratégias *hands-off* (estratégias consideradas menos gravosas) são as mais prevalentes em contexto universitário.

Relativamente às diferenças entre perpetradores e não perpetradores de VS em função do género, nos homens, os perpetradores de violação endossam mais mitos sobre a VS do que os não perpetradores, contudo, essa diferença não se verificou nas mulheres.

Independentemente de serem perpetradoras ou não de violação, as mulheres têm pontuações semelhantes na ECVS. Estes resultados sugerem que os mitos sobre a VS poderão desempenhar um papel mais preponderante nos homens que recorrem à violação, do que nas mulheres. De acordo com a perspetiva cognitiva, estes mitos podem ser conceptualizados como distorções cognitivas que os agressores sexuais utilizam quando processam informação, para justificar e/ou minimizar as consequências do seu próprio comportamento. De facto, é reconhecido na literatura sobre homens agressores sexuais que estas distorções sobre os crimes e as vítimas são um fator motivacional para a VS (Beech et al., 2009; Carvalho et al., 2018). Não obstante, a VS perpetrada por mulheres está consideravelmente menos estudada e, conforme frisa Gannon e Cortoni (2010), não é razoável assumir que os fatores motivacionais para a VS nas agressoras sexuais sejam os mesmos que são observados nos homens agressores sexuais. Assim, o nosso resultado pode sugerir que os mitos sobre a VS não atuam como fatores predisponentes ou motivacionais nas mulheres perpetradoras de violação, sublinhando, assim, a necessidade de estudar no futuro os fatores de risco dinâmicos/fatores motivacionais das mulheres sexualmente agressivas, quer em amostras comunitárias, quer em amostras forenses.

No que concerne às diferenças de género no endosso de mitos sobre a VS, verificou-se que os homens tendem a endossar mais mitos do que as mulheres, independentemente de serem perpetradores/as ou não - estando em concordância com estudos anteriores (Davies et al., 2012; Rosenstein, 2015; Walfield, 2018). Quanto às diferenças entre os perpetradores e não perpetradores, os perpetradores tendem a endossar mais mitos do que os não perpetradores, independentemente do género, o que reforça a perspetiva de que os mitos podem atuar como fatores de risco dinâmicos ou fatores predisponentes para a perpetração de VS (Beech et al., 2009; Carvalho et al., 2018).

Finalmente, os resultados mostraram que os mitos sobre a VS são preditores significativos dos vários comportamentos sexualmente agressivos, salientando o papel que os mitos desempenham na VS, o que vai ao encontro dos dados anteriores que mostram que os perpetradores endossam mais mitos de VS do que os não perpetradores (e.g., Mouilso & Calhoun, 2013; Warren et al., 2015).

Verificou-se também que a influência dos mitos diminui à medida que a gravidade do comportamento de VS aumenta, o que pode ser explicado pela existência de uma maior tendência para minimizar a gravidade de certos comportamentos sexualmente agressivos. Os comportamentos considerados menos graves - e.g., beijos e carícias indesejados -, que não se inserem na visão estereotipada da VS existente na sociedade tendem a ser minimizados

(Caridade, 2011), daí o papel dos mitos ser mais preponderante nas formas consideradas menos graves de VS.

Apesar do supramencionado, importa referir que os modelos de regressão explicaram uma percentagem relativamente pequena dos comportamentos de VS. Devido à sua larga difusão e prevalência na população geral (e.g., Turchik & Edwards, 2012; Walfied, 2018), os mitos sobre a VS poderão não ter um papel tão nuclear na perpetração de comportamentos sexualmente agressivos. Podemos também concluir que outro tipo de variáveis (e.g., emocionais, interpessoais, abuso ou consumo de substâncias, exposição à violência interpessoal) poderão desempenhar um papel mais preponderante na perpetração da VS, pelo que se sugere que este tópico seja estudado no futuro.

Apesar dos contributos pertinentes do presente estudo, existem limitações que lhe são inerentes. Primeiramente, tendo em consideração a natureza sensível e pessoal das respostas, seria necessária a aplicação de um questionário de desejabilidade social, uma vez que existe a possibilidade de alguns participantes terem dado respostas socialmente aceites.

Este estudo foi realizado no âmbito de um projeto de investigação mais vasto. Por esse motivo, os participantes não responderam apenas ao SES-SFP e à ECVS. Assim, outra limitação é a de que, em muitos protocolos, o SES-SFP não foi respondido, muito provavelmente devido à fadiga dos participantes ao responderem a um protocolo de avaliação relativamente longo.

Ainda sobre o SES-SFP, neste estudo apenas foi usada a versão de perpetração. Poderia também ser pertinente ter-se aplicado a versão de vitimação deste instrumento (SES-SFV; Koss et al., 2006), de modo a se avaliar de forma mais compreensiva o fenómeno da VS em contexto universitário.

Relativamente ao critério de inclusão ‘ter experiência sexual’, por um lado pareceu-nos importante que os participantes tivessem experiência sexual, no entanto, a inexistência de experiência sexual não implica necessariamente que não exista o recurso a comportamentos sexualmente agressivos, nomeadamente na forma tentada. Posto isto, ‘ter experiência sexual’ pareceu reunir maior consenso, mas seria importante, em estudos futuros, não usar este critério de inclusão, mas antes testar a experiência sexual (sim ou não) como uma variável moderadora.

Uma vez que neste estudo foi usado como critério de inclusão ‘ter uma orientação heterossexual’, devido a uma questão de representatividade, seria também relevante, em estudos futuros, conhecer este fenómeno com participantes da comunidade LGBTQIA+.

Seria também interessante estudar o papel dos mitos em agressoras sexuais (i.e., amostra forense), uma vez que esta variável neste tipo de população, provavelmente, desempenha um papel mais nuclear do que em amostras comunitárias.

No que diz respeito às potencialidades e implicações, este estudo reforça a importância do desenvolvimento e implementação de programas de prevenção e intervenção da VS em contexto universitário.

Como mencionado anteriormente, a aceitação de mitos sobre VS, por parte dos profissionais e da sociedade em geral, pode desencorajar as vítimas a reportarem as agressões ou a procurar ajuda. Desta forma, augura-se a necessidade da intervenção na VS, particularmente na desmistificação dos mitos deste tipo de violência (Larsen & Hilden, 2016; Melanson, 1998; Walfield, 2018). Deste modo, a modificação de como o fenómeno da VS é abordado, pode contribuir para o aumento de casos reportados, para um maior envolvimento dos órgãos criminais e de justiça, e, conseqüentemente, para uma melhor eficácia interventiva tanto em vítimas como agressores/as (Carvalho & Brazão, 2021; Walfield, 2018).

Tendo em conta que os mitos sobre a VS são preditores de comportamentos sexualmente agressivos (sobretudo de comportamentos considerados menos graves), deveriam ser desenhados programas de prevenção e intervenção da VS que tenham como foco desmistificar e desconstruir estes mitos (Carvalho & Brazão, 2021; Larsen & Hilden, 2016; Walfield, 2018).

É necessário desenvolver programas de intervenção para estudantes universitários, mas também programas de prevenção para alunos que ainda não atendam o contexto universitário, de modo a se conseguir realizar uma prevenção primária. O desenho de programas de prevenção/intervenção - ou de sessões de sensibilização sobre esta temática - para profissionais do sistema de justiça e de saúde, também é extremamente relevante, uma vez que são estes profissionais que interagem, num primeiro momento, com as vítimas e/ou agressores de VS (Darwinkel et al., 2013; Javaid, 2017, 2018; Kim & Santiago, 2019). Por fim, parece ser também importante programas de intervenção e/ou sessões de sensibilização com agentes educativos, de forma a que estes possam também intervir em potenciais situações de risco de VS.

Referências

- Anderson, I. (2007). What is a typical rape? Effects of victim and participant gender in female and male rape perception. *British Journal of Social Psychology*, 46(1), 225–245. <http://dx.doi.org/10.1348/014466606X101780>
- Anderson, I., & Quinn, A. (2009). Gender differences in medical students' attitudes towards male and female rape victims. *Psychology, Health & Medicine*, 14, 105-110. <https://doi.org/10.1080/13548500802241928>
- American Psychological Association [APA]. (2020). Sexual abuse. <https://www.apa.org/topics/sexual-abuse/index.aspx>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2013). *Manual Unisexo para o atendimento a vítimas adultas de violência sexual*. https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/Manual_UNISEXO.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2019). *Estatísticas APAV: Crimes sexuais 2013-2018*. Lisboa: APAV. https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_CrimesSexuais_2013_2018.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2020). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2019*. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV-Relatorio_Anual_2019.pdf
- Beech, A., Parrett, N., Ward, T., & Fisher, D. (2009). Assessing female sexual offenders' motivations and cognitions: An exploratory study. *Psychology, Crime & Law*, 16, 201-216. <https://doi.org/10.1080/10683160802190921>
- Brennan, C. L., Swartout, K. M., Goodnight, B. L., Cook, S. L., Parrott, D. J., Thompson, M. P., Newins, A. R., Barron, S. R. B., Carvalho, J., & Leone, R. M. (2018). Evidence for Multiple Classes of Sexually Violent College Men. *Psychology of Violence*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000179>
- Busby, D. M. & Compton, S. V. (1997). Patterns of sexual coercion in adult heterosexual relationships: An exploration of male victimization. *Family Process*, 36 (1), 81–94. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1997.00081.x>
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: uma abordagem científica*. Almedina.
- Carvalho, J. (2011). *Factores de vulnerabilidade para a agressão sexual* [Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/7387/1/246182.pdf>

- Carvalho, J., & Brazão, N. (2021). Women's sexual violence of male intimate partners. In T. K. Schackelford (Ed.), *The SAGE Handbook of Domestic Violence*. SAGE Publications.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2015). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of interpersonal violence*, 31(15), 2539-2555. <https://doi.org/10.1177/0886260515579504>
- Carvalho, J. & Sá, A. (2017). Male college students using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(3-4). <https://doi.org/10.1177/0886260516689779>
- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2018). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of interpersonal violence*, 36, 2445-2477. <https://doi.org/10.1177/0886260518760010>
- Código Penal, 8ª edição, 2019, Coimbra, Portugal: Almedina.
- Couxão, R. (2020). *Violência sexual perpetrada por mulheres: A perspetiva de profissionais do sistema de justiça* [Tese de mestrado não publicada, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias].
- D'Abreu, L. C. F., Krahé, B., & Bazon, M. R. (2012). Sexual aggression among Brazilian college students: Prevalence of victimization and perpetration in men and women. *Journal of sex research*, 50. <https://doi.org/10.1080/00224499.2012.702799>
- Darwinkel, E., Powell, M., and Tidmarsh, P. (2013). Improving police officers' perceptions of sexual offending through intensive training. *Criminal Justice and Behavior*, 40(8), 895-908. <https://doi.org/10.1177/0093854813475348>
- Davies, M., & McCartney, S. (2003). Effects of gender and sexuality on judgements of victim blame and rape myth acceptance in a depicted male rape. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 13(5), 391-398. <https://doi.org/10.1002/casp.741>
- Davies, M., Gilston, J., & Rogers, P. (2012). Examining the relationship between male rape myth acceptance, female rape myth acceptance, victim blame, homophobia, gender roles, and ambivalent sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(14), 2807-2823. <https://doi.org/10.1177/0886260512438281>
- Donnelly, D. A., & Kenyon, S. (1996). 'Honey, we don't do men': Gender stereotypes and the provision of services to sexually assaulted males. *Journal of Interpersonal Violence*, 11(13), 441-448. <https://doi.org/10.1177/088626096011003009>

- Edwards, K. E., Turchik, J. A., Dardis, C., Reynolds, N., & Gidycz, C. A. (2011). Rape myths: History, individual and institutional-level presence, and implications for change. *Sex Roles*, 65, 761-773. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-9943-2>
- Federal Bureau Investigation [FBI]. (1999). *Crime in the United States, 1993–1997*. Washington, DC: US Department of Justice, Criminal Justice Information Services Division.
- Federal Bureau Investigation [FBI]. (2013). *Crime in the United States, 2013*. Washington, DC: US Department of Justice, Criminal Justice Information Services Division.
- Federal Bureau of Investigation [FBI]. (2017). *Crime in the United States, 2016*. Washington, DC: US Department of Justice, Criminal Justice Information Services Division. <https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-u.s/2016/crime-in-the-u.s.-2016/resource-pages/rape-addendum.pdf>
- Gannon, T. A. & Cortoni, F. (2010). *Female sexual offenders: Theory, assessment and treatment*. Wiley-Blackwell.
- García-Moreno, C., Jansen, H. A. F. M., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. H. (2006). *Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence*. 368(9543). [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(06\)69523-8](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(06)69523-8)
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Sexual aggression experiences among male victims of physical partner violence: Prevalence, severity, and health correlates for male victims and their children. *Archives of Sexual Behavior*, 45(5), 1133–1151. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0393-0>
- Javaid, A. (2017) “Making the invisible visible: (un)meeting male rape victims’ needs in the third sector”. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 9(2), 106-115. <https://doi.org/10.1108/JACPR-08-2016-0248>
- Javaid, A. (2018). Male rape, masculinities, and sexualities. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 52, 199-210. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2017.12.003>
- Johnson, S. M., Murphy, M. J., & Gidycz, C. A. (2017). Reliability and Validity of the Sexual Experiences Survey–Short Forms Victimization and Perpetration. *Violence and Victims*, 32(1), 78–92. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00110>
- Kassing, L., Beesley, D., & Frey, L. (2005). Gender role conflict, homophobia, age, and education as predictors of male rape myth acceptance. *Journal of Mental Health Counseling*, 27(4), 311–328. <https://doi.org/10.17744/mehc.27.4.9wfm24f52kqgav37>

- Kassing, L. R., & Prieto, L. R. (2003). The rape myth and blame-based beliefs of counselors-in-training toward male victims of rape. *Journal of Counseling & Development*, 81(4), 455-461. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6678.2003.tb00272.x>
- Kim, B., & Santiago, H. (2019). Rape Myth Acceptance Among Prospective Criminal Justice Professionals. *Women & Criminal Justice*, 30(6), 462-479. <https://doi.org/10.1080/08974454.2019.1664969>
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31, 357-370.
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C., & White, J. (2008). *Scoring of SES Short Forms*. https://www.midss.org/sites/default/files/ses-sfp_scoring.pdf
- Koss, M. P., & Gidycz, C. A. (1985). Sexual Experiences Survey: Reliability and validity. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(3), 422-423. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.53.3.422>
- Larsen, M. L., & Hilden, M. (2016) Male victims of sexual assault: 10 years' experience from a Danish assault center. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 43, 8-11. <https://doi.org/10.1016/j.jflm.2016.06.007>
- Lussier, P., & Healey, J. (2010). Searching for the developmental origins of sexual violence: Examining the co-occurrence of physical aggression and sexual behaviors in early childhood. *Behavioral Sciences and the Law*, 28, 1-23. <https://doi.org/10.1002/bsl.919>
- Martins, S. M. C. (2013). *Vitimização e perpetração sexual em jovens adultos: da caracterização da prevalência às atitudes* [Tese de Doutorado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24405/1/S%c3%b3nia%20Maria%20da%20Costa%20Martins.pdf>
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30, 177-191. <https://doi.org/10.14417/ap.546>
- Melanson, P. K. (1998) *Belief in male rape myths: A test of two competing theories* [Doctoral dissertation, Queen's University].

- Mouilso, E. R., & Calhoun, K. (2013). The Role of Rape Myth Acceptance and Psychopathy in Sexual Assault Perpetration. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 22, 159 - 174. <https://doi.org/10.1080/10926771.2013.743937>
- Moyano, N., Monge, F. S., & Sierra, J. C. (2017). Predictors of sexual aggression in adolescents: Gender dominance vs. rape supportive attitudes. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 9(1), 25-31. <https://doi.org/10.1016/j.ejpal.2016.06.001>.
- Nalavany, B. A., & Abell, N. (2004) An initial validation of a measure of personal and social perceptions of the sexual abuse of males. *Research on Social Work Practice*, 14, 368–78. <https://doi.org/10.1177/1049731504265836>
- National Center for Injury Prevention and Control Centers for Disease Control and Prevention [NCIPCCDCP] (2018). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey: 2015 Data Brief – Updated Release*. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/2015data-brief508.pdf>
- Paoletti, M., Quintin, S., Gray-Sadran, J., & Squarcioni, L. (2020). Sexual violence on campus. In E. Drew & S. Canavan (Eds.), *The Gender-Sensitive University* (1st ed., pp. 67-78). Routledge: London. <https://doi.org/10.4324/9781003001348-6>
- Paras, M. L., Murad, M. H., Chen, L. P., Goranson, E. N., Sattler, A. L., Colbenson, K. M., Elamin, M. B., Seime, R. J., Prokop, L. J., Zirakzadeh, A. (2009). Sexual abuse and lifetime diagnosis of psychiatric disorders: A systematic review and meta-analysis. *JAMA*, 302(5), 550–561. <https://doi.org/10.1001/jama.2009.1091>
- Pereira, B. D. F. (2016). *Estrutura psicológica em mulheres sexualmente agressivas* [Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/85837/2/145181.pdf>
- Rocha, T. L., & Vieira, M. (1990). Violação e Espancamento: Mitos e consequências. *Análise Psicológica*, 8(2), 179-186. Disponível em <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2672>
- Rosenstein, J. E. (2015). Military sexual assault prevention and male rape myth acceptance. *Military Behavioral Health*, 3(4), 207-211. <https://doi.org/10.1080/21635781.2015.1038404>
- Santovec, M. L. (2019). Campus Culture and Sexual Violence. *Women in Higher Education*. 28, 7-15. <https://doi.org/10.1002/whe.20776>

- Sarrel, P.M., & Masters, W.H. (1982). Sexual molestation of men by women. *Archives of Sexual Behaviour*, 11(2): 117–131. <https://doi.org/10.1007/bf01541979>
- Spowart, S. (2020). Global Sexual Violence In Masys, A. J., Izurieta, R., & Reina Ortiz, M. (Eds.), *Global Health Security*. Advanced Sciences and Technologies for Security Applications. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-23491-1>
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *The Journal of Sex Research*, 40(1), 76–86. <https://doi.org/10.1080/00224490309552168>
- Tabachnick, B., & Fidell, L. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson.
- Turchik, J. A. (2012). Sexual victimization among male college students: Assault severity, sexual functioning, and health risk behaviors. *Psychology of Men & Masculinity*, 13(3), 243-255. <https://doi.org/10.1037/a0024605>
- Turchik, J. A., & Edwards, K. M. (2012). Myths about male rape: a literature review. *Psychology of Men & Masculinity*, 13(2), 211 - 226. <https://doi.org/10.1037/a0023207>
- Walfield, S. M. (2018). “Men cannot be raped”: Correlates of male rape myth acceptance. *Journal of Interpersonal Violence*, 36, 6391-6417. <https://doi.org/10.1177/0886260518817777>
- Warren, P., Swan, S., & Allen, C. (2015). Comprehension of Sexual Consent as a Key Factor in the Perpetration of Sexual Aggression Among College Men. *Journal of Aggression Maltreatment & Trauma*. 24(8), 897-913. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1070232>
- World Health Organization [WHO]. (2012). *Understanding and addressing violence against women: Sexual Violence*. http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77434/1/WHO_RHR_12.37_eng.pdf
- Zurbriggen, E. L. (2000). Social motives and cognitive power-sex associations: Predictors of aggressive sexual behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 559-581. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.78.3.559>